

*Estudos Literários & Comparados***DIANTE DO FIM:
REPRESENTAÇÕES DA VELHICE FEMININA EM “UM CORAÇÃO DE
MÃE” E “AOS SESSENTA E QUATRO”, DE CÍNTIA MOSCOVICH¹**

*Cristiane da Silva Alves**

RESUMO: O artigo examina os contos “Um coração de mãe” e “Aos sessenta e quatro”, presentes em *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012), de Cíntia Moscovich, a fim de demonstrar como a autora, de maneira sensível, às vezes irônica, delinea e apresenta para o leitor momentos marcantes experienciados por personagens femininas de idade avançada. Busca-se verificar, especialmente, como o envelhecer, a finitude, os laços e deveres familiares influenciam em seu cotidiano e em suas escolhas. Para apoiar as análises, recorre-se às contribuições de Simone de Beauvoir (1990), Guita Grin Debert (2012), Ecléa Bosi (2009), Alda Britto da Motta (2011) e Regina Dalcastagnè (2005), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria feminina; Literatura brasileira contemporânea; Mulheres; Velhice.

Considerações iniciais

Em seu livro *A velhice*, publicado pela editora Gallimard, em 1970, a escritora e feminista francesa Simone de Beauvoir (1990) chama a atenção para o quanto as questões relacionadas ao envelhecer foram silenciadas ao longo do tempo, verificando-se raras alusões ao tema, salvo em obras especializadas. Tomando para si a incumbência de aniquilar o que chamou de “conspiração do silêncio” (BEAUVOIR, 1990, p. 8), a filósofa francesa escreveu um verdadeiro tratado que, não por acaso, até hoje é considerado uma das mais importantes referências sobre o assunto.

Entre os vários aspectos abordados em sua obra, a autora expõe, principalmente, a marginalização, o desamparo e a solidão a que os velhos são submetidos, frequentemente apontados como um “fardo” para a sociedade. Esta, uma vez que não os percebe como iguais, que não se reconhece neles, sente-se à vontade para ignorá-los. No caso dos mais pobres, especialmente, não hesita em descartá-los: “A história, assim como a literatura, passa por eles radicalmente em silêncio. A velhice não é, numa certa medida, desvendada, senão no seio das classes privilegiadas” (BEAUVOIR, 1990, p. 111). Somado a isso, há outro fato que, de acordo com a autora, “salta aos olhos”:

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é bolsista de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES/MEC) junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS.

trata-se aí de um problema de homens. Enquanto experiência pessoal, a velhice concerne tanto a eles quanto às mulheres, e mesmo mais ainda a estas últimas, pois vivem mais tempo. Mas quando se faz da velhice um objeto de especulação, considera-se essencialmente a condição dos machos. Primeiro, porque são eles que se exprimem nos códigos, nas lendas e nos livros; mas sobretudo porque a luta do poder só interessa ao sexo forte. (BEAUVOIR, 1990, p. 111)

Importa observar que, mesmo décadas após a afirmação de Beauvoir, o assunto continua demandando reflexão e debates. No que diz respeito ao Brasil, especialmente, é inegável que a população vem envelhecendo² e, também, que as mulheres são maioria entre as pessoas que logram ultrapassar os 60 anos. Entretanto, permanece o descompasso entre homens e mulheres de idade avançada que, em termos de representatividade, não ocupam o mesmo lugar. Nesse aspecto, é oportuno referir que, em pesquisa acerca do personagem do romance brasileiro contemporâneo, mapeando obras publicadas entre 1990 e 2004, Regina Dalcastagnè (2005, p. 37) constatou que apenas 8,5% das personagens femininas foram representadas em sua velhice. A presença de homens velhos, apesar de também ter sido relativamente baixa, alcançou o correspondente a 9,7%.

Por outro lado, avaliando-se narrativas publicadas após o período contemplado pela pesquisa de Dalcastagnè, é possível verificar alguns importantes avanços. Gradativamente, as mulheres velhas vêm ganhando espaço e protagonismo³. Pode-se notar, igualmente, certo empenho dos autores para eliminar ou, ao menos, atenuar os estereótipos negativos e, à medida do possível, desfazer a visão preconceituosa e equivocada acerca da velhice, que por muito tempo foi considerada apenas uma etapa de perdas e limitações, como se não houvesse quaisquer perspectivas.

Em produções literárias mais recentes, sobretudo de autoria feminina, vem se expandindo a construção de enredos e papéis que permitem, entre outras coisas, entrever que “*as velhas também existem*, e se destacam hoje, mais além da imagem tradicional de ranzinzas ou de doces avozinhas, como mais dinâmicas, saudáveis, livres, sexuadas e criativas do que as de sua geração em épocas anteriores” (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 14, grifos da autora). Sem ocultar os problemas e entraves comumente relacionados ao avanço da idade, tais como as modificações no corpo, o estranhamento, a solidão, a finitude e outros mais, as narrativas e as personagens têm se mostrado mais versáteis.

² De acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), a população brasileira de hoje é de 190.755.799 milhões de pessoas, sendo que 7,4% da população têm mais de 65 anos, contra 4,8% verificados em 1991.

³ Veja-se, por exemplo, os romances *Milamor* (2008) e *Amor em dois tempos* (Companhia das Letras, 2014), de Livia Garcia-Roza; *Mar azul* (Rocco, 2012), de Paloma Vidal; *Quarenta dias* (Alfaguara, 2014) e *Outros Cantos* (Alfaguara, 2016), de Maria Valéria Rezende. Em todos eles as protagonistas são, ou estão próximas de tornarem-se, mulheres idosas.

É o que se pode observar, por exemplo, em alguns contos de Cíntia Moscovich. De origem judaica, nascida em Porto Alegre, RS, Moscovich é escritora, jornalista e mestre em Teoria Literária. É autora de *O reino das cebolas* (1996), *Dois iguais* (1998), *Anotações durante o incêndio* (2000), *Arquitetura do arco-íris* (2004), *Por que sou gorda, mamãe?* (2006) e o romance infanto-juvenil *Mais ou menos normal* (2006), além de ter participado em diversas antologias e angariado variados prêmios e indicações nacionais e internacionais. Seu livro *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012) conquistou, em 2013, o primeiro lugar no Prêmio Literário Portugal Telecom, na categoria contos e crônicas, e foi ganhador, também, do Prêmio Clarice Lispector, da Fundação Biblioteca Nacional.

Suas produções ficcionais têm contribuído para ampliar o debate sobre os novos parâmetros e possibilidades que cercam as mulheres na contemporaneidade. No que diz respeito à velhice feminina, mais especificamente, a autora se destaca por apresentar personagens que, apesar da faixa etária em comum, são submetidas a contextos e embates diversos. Dito de outro modo, Moscovich exhibe diferentes tipos e situações envolvendo a maturidade, bem como maneiras distintas de enfrentamento dos obstáculos, perdas, receios, descobertas e reviravoltas que essa fase (ainda) carrega.

Tomando-se como *corpus* os contos “Um coração de mãe” e “Aos sessenta e quatro”, presentes em *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012), pretende-se demonstrar como a velhice feminina, apesar de acarretar alguns problemas semelhantes, não é homogênea. A partir da análise de momentos marcantes experienciados pelas protagonistas, busca-se examinar como a vivência de cada uma e, sobretudo, suas atitudes e escolhas diante do envelhecer e da proximidade da morte podem determinar diferentes desfechos.

Encerrando um ciclo

“Um coração de mãe”, embora narrado em terceira pessoa, permite ao leitor uma boa dose de proximidade com as sensações experimentadas pela protagonista, pois é pela perspectiva dela que o texto se desenvolve. O tempo do conto percorre algumas horas apenas. A história se inicia com a aflitiva situação vivida por Dona Dóris, que terminava de assistir à novela das oito quando “começou com uma queimação na boca do estômago” (MOSCOVICH, 2012, p. 67). Porque não costumava ter problemas dessa ordem e, da mesma forma, porque não tinha o hábito de tomar remédios, ela limitou-se a fechar os olhos e, deitada em sua cama, aguardou que o mal-estar passasse.

Conforme a narração prossegue, contudo, fica claro que o que a personagem estava sentindo não era algo banal e passageiro como ela, a princípio, supunha. Ao contrário,

mesmo depois de permanecer meia hora em repouso, o incômodo não apenas continuava, como tinha aumentado. Para piorar, havia indícios de febre. Diante disso, Dona Dóris começa a cogitar que “se a indisposição continuasse, teria de chamar alguém, era impossível uma mulher na idade dela ficar doente e sozinha, não tinha uma pessoa que lhe alcançasse um copo d’água” (MOSCOVICH, 2012, p. 68).

Além de demonstrar que a moléstia que lhe acometeu talvez fosse mais séria do que aparentava inicialmente, a narração evidencia a solidão da personagem que, apesar de ter filhos, não conta com a sua atenção e com os seus cuidados. A ideia de ter de recorrer a um deles, embora pareça inevitável, é acompanhada de hesitação e desagrado. Isso porque, conforme demonstra a voz narradora, suas queixas e incômodos são costumeiramente negligenciados, tratados por todos com zombaria:

Mais uma vez eles diriam, troçando, que a mãe se queixava tanto de pequenas indisposições que, quando passasse *verdadeiramente mal*, ninguém iria acreditar, ela tinha mais saúde do que qualquer um dos filhos, um cavalo de tão forte e resistente. E se poriam a rir, rir, rir, mancomunados no deboche, como se ela fosse uma caduca, e só ririam assim porque o pai deles tinha morrido, na frente do marido ninguém a trataria como aqueles moleques tratavam. A falta que Gildo fazia. Que falta. (MOSCOVICH, 2012, p. 68, grifos da autora)

Nesse caso, vale notar que, embora a indiferença ou a rejeição aos mais velhos e às suas questões não se constituam como regra, não é incomum que os jovens se distanciem ou reajam de maneira inapropriada diante das perturbações que as pessoas de idade avançada manifestam. Veja-se o que comenta Simone de Beauvoir (1990, p. 262): “Sensíveis a uma decadência física que temem para eles mesmos, os jovens investem contra os velhos, ridicularizando-os”. Algumas vezes, a agressividade ou o deboche simulam uma espécie de auto-defesa, uma tentativa de afastar de si mesmos a ideia de que também eles, os jovens, avançarão em anos e, em algum momento de suas vidas, padecerão dos males da velhice. A este respeito, Norbert Elias (2001, p. 80) pondera:

[...] há dificuldades especiais que impedem a empatia. Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, elas resistem à ideia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível.

Para a personagem do conto de Moscovich, naturalmente, a atitude dos filhos é entendida como descaso e desmoralização, aborrecendo-a profundamente. Ela sofre com o sarcasmo deles e, sobretudo, com o vácuo que se estabeleceu em sua vida, em decorrência da viuvez. A ausência do falecido marido não apenas é mencionada, como é reforçada no texto

com a repetição do termo “falta” por duas vezes: “A *falta* que Gildo fazia. Que *falta*” (MOSCOVICH, 2012, p. 68, grifos meus). A perda do cônjuge, o vazio da casa e o isolamento a que a personagem acabou relegada despertaram nela o medo da morte: “Sem o marido, a casa se tornara enorme, e dona Dóris padecia de solidão, isso os filhos não entendiam, nem o medo da morte que ela passou a sentir, a cama de viúva um lugar árido e oco” (MOSCOVICH, 2012, p. 69).

Pelo que se pode depreender, o seu casamento era apoiado no modelo tradicional. A autoridade e o respeito eram reservados a Gildo, o esposo, pai, “homem da casa”. A deferência à Dona Dóris, se antes existia, era em função dele, por temor ou admiração à figura masculina, ao chefe da família. Tanto é assim, que a protagonista atribui à morte do marido o tratamento insolente dos filhos. Ante a falta do patriarca, afrouxaram-se os laços familiares e alteraram-se os costumes. Sem o parceiro, Dona Dóris ficou à deriva, sozinha e inconformada com o comportamento daqueles a quem deu à luz:

[...] eles que tiveram tudo, que casaram com quem bem entenderam, que começaram a brigar pela herança do pai nem bem o corpo tinha esfriado, Dinho e Fábio se fazendo de pobres coitados, José e Ana se estranhando até por causa de uma coleção de selos, irmão passando a perna em irmão. Dona Dóris não reconhecia mais suas crianças, preferia morrer a ser mãe de umas criaturas mesquinhas, sem-vergonha e oportunistas como aquelas em que seus filhos se tinham tornado. (MOSCOVICH, 2012, p. 69)

É manifesto, nesse caso, o “desencaixe” da personagem que, depois de devotar anos em torno do lar e da família, tornou-se dispensável. Não há qualquer menção no conto de que ela tivesse outras ocupações ou interesses além do ambiente doméstico, do casamento e da criação dos filhos. Com o falecimento do marido, ela deixou de exercer o papel de esposa, de companheira e amante. Quanto aos filhos, todos crescidos, partiram em busca das próprias realizações, reservando pouco ou nenhum lugar para a genitora em suas rotinas. Desapontada com o comportamento abominável que exibiram após a morte do pai, Dona Dóris não apenas revela o estranhamento sentido em relação às “suas crianças”, como não vislumbra qualquer possibilidade de lhe socorrerem. Mesmo agravando-se cada vez mais o seu desconforto, desiste de telefonar-lhes, pois acredita que seria inútil:

Não podia ligar para Dinho porque o filho estava viajando, aquele lá sem nem telefonar para saber se ela estava viva ou morta. Muito menos ia ligar para Fábio, aparecia uma vez na vida outra na morte, nunca atendia ao telefone, deixava sempre a secretária eletrônica ligada, imagina se a última coisa que fazia na vida era conversar com uma máquina? (MOSCOVICH, 2012, p. 74)

Com o peito doendo, pensa na filha. Essa, contudo, ainda que quisesse prestar auxílio à mãe, não poderia. Ela estava distante, ao lado do marido estrangeiro, de quem Dona Dóris se ressentia, culpando-o por tê-las separado:

Quis muito, como quis, ver a filha, a única mulher, a única a quem poderia perdoar, mas tão longe ela andava, aquela coisa de viajar, viajar, viajar, era natural que se arranjasse um estrangeiro, um genro que levou a filha para longe, como se ele próprio, o genro, não fosse filho de uma mulher e não soubesse que não se deve apartar a mãe de suas crias. (MOSCOVICH, 2012, p. 74)

Tampouco podia esperar ajuda de José, o outro filho, pois além da impaciência com os seus problemas, a esposa dele deixara transparecer o desinteresse em manter a sogra próxima: “a nora tinha vindo com aquela conversinha de asilo, como se asilo fosse lugar bom, como se um monte de velhos juntos fosse divertido: ela ali, morrendo, e a nora no bem-bom, aquela vaca” (MOSCOVICH, 2012, p. 73). A revolta com a sugestão da nora é evidente e, em certa medida, justificada.

É importante referir que, embora alguns idosos considerem positivamente a ideia de viver em um asilo, pois “este é um lugar em que o indivíduo pode ter um controle sobre sua vida e ao mesmo tempo não ter que ficar só” (DEBERT, 2012, p. 113), não se trata de algo unanimemente desejado e/ou aceito. Conforme se depreende da narração, no caso de Dona Dóris, trata-se de um projeto da nora, talvez em conjunto com o(s) filhos(s), mas não uma vontade da velha senhora. Além do mais, é forçoso notar que em suas pesquisas acerca da velhice em asilos, Guita Grin Debert verificou que, mesmo quando a residência nesses espaços é decorrente de escolha/iniciativa própria, “a maioria das mulheres mostra que a entrada no asilo foi seguida de um sofrimento intenso e de um grande esforço de autoconvencimento que as levou a uma adaptação. A dificuldade deve-se especialmente ao ambiente, às pessoas com as quais é preciso conviver” (DEBERT, 2012, p. 113).

Não é difícil compreender o quão dolorosas podem ser a mudança e a necessidade de adaptar-se a um lugar e a um grupo de pessoas que, até então, não faziam parte do seu cotidiano. Da mesma forma, há que se levar em conta que, como bem lembra Ecléa Bosi, “o desenraizamento é uma condição desagregadora da memória” (BOSI, 2009, p. 443) e, frequentemente, tem um efeito nefasto sobre as pessoas velhas. Muitas delas, já fragilizadas pelo tempo e pelas sucessivas perdas, à medida que são apartadas das bases em que se assentava a sua história, tendem a se sentir desestabilizadas, principalmente porque “mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver” (BOSI, 2009, p. 436).

Para a protagonista do conto de Moscovich, a mudança para um espaço asilar, além de representar mais uma dentre as suas acumuladas perdas, ainda confirmaria a inaptidão, ou

antes, o desinteresse dos filhos em ampará-la. Depois de se dedicar a cada um deles por longos anos, ela restava entregue à própria sorte, padecendo sozinha, sem qualquer sinal de gratidão ou suporte ao final da vida. A mágoa da personagem em razão do abandono é expressa: “Ela dera conta de quatro filhos, e quatro filhos não podiam com uma única mãe” (MOSCOVICH, 2012, p. 70). Sem a presença deles e, ao que parece, sem ter estabelecido outros laços para além do universo familiar, são bastante marcados no conto o isolamento e o desamparo dos quais a personagem se tornou refém. O agravamento do mal-estar, a ausência de uma rede de apoio e a demora em procurar ajuda externa serão determinantes para um desfecho trágico.

Era muito tarde quando, finalmente, ela “decidiu que não iria esperar a morte. Tinha o hospital ali perto, duas quadras, iria se salvar” (MOSCOVICH, 2012, p. 74-75). O restante do conto exhibe não apenas a sua piora e a proximidade da morte como, também, o empenho da protagonista para, desafiando seus próprios medos, driblá-la, “como um bicho que investe contra o adversário” (MOSCOVICH, 2012, p. 76). Extinguia-se, porém, o tênue fio que a sustentava, conforme sugere a narração: “Os olhos começaram a escurecer e escurecer. A luz que vinha de um poste minguiu bem aos pouquinhos. Foi o tempo de tentar se agarrar em alguma coisa, que não existia. Não sentia mais seus pés. Caiu num escuro gelado” (MOSCOVICH, 2012, p. 77). Perto do término, é interessante observar que, tão grande quanto a possibilidade de perecer, é a obstinação que, repentinamente, toma conta de Dona Dóris. Mesmo após desmaiar na rua, ela reúne forças para reerguer-se e resistir ao fim que considera imerecido:

[...] tudo dependia dela, a morte não ia chegar daquela forma besta, uma mulher que cria os seus não merece morrer na sarjeta. Lembrou das carinhas dos filhos quando pequenos, crianças lindas, pena que tudo acabou daquele jeito, cada um para um lado, cada um com sua cota de pilhagem, e ela sem o amor que a salvasse, nenhum deles merecia ter na boca a palavra doce de mãe. Outra vez pensou no marido e deu graças aos céus por ele estar morto e não ver a tristeza em que havia se transformado sua família. (MOSCOVICH, 2012, p. 77)

O abatimento decorrente da viuvez e da decepção com os filhos pesa sobre ela⁴. Enferma, magoada e desassistida, a pouca energia que lhe restava se esvai, insuficiente para continuar. Apesar de ser pequeno o trecho que deveria percorrer até o hospital, para Dona

⁴ Vale pontuar que, apesar de existirem estudos em que “a tendência é relativizar a importância das relações familiares para o bem-estar na velhice, outras pesquisas enfatizam que as relações familiares ainda são fundamentais na assistência ao idoso e nas expectativas em relação ao processo de envelhecimento” (DEBERT, 2012, p. 86).

Dóris tornara-se intransponível. É de forma melancólica que o conto se encerra, selando o destino da personagem, quando ela está há poucos metros do local:

Dona Dóris deu dois passos trôpegos. Fechou os olhos. Primeiro as pernas se dobraram, o corpo se inclinou para trás e os joelhos bateram contra o chão, estourando numa papa de areia e sangue; depois o tronco se projetou para a frente, as palmas das mãos resvalaram contra os pedregulhos, os cotovelos se ralaram, e o rosto bateu flácido contra a calçada. Os óculos se projetaram do rosto, agônicos. / O jornalista jogou longe o cigarro e correu para socorrer. Mas então tudo estava resolvido. (MOSCOVICH, 2012, p. 78-79)

Apesar do triste desenlace, o conto se destaca ao demonstrar a resistência da mulher que, embora afetada pela velhice, pela solidão e pela doença, se pôs de pé enquanto possível, desdobrando-se para tentar garantir sua permanência no mundo. Mesmo diante da proximidade da morte e com pouquíssimas chances de retardá-la, a personagem lutou até o limite de suas forças. Assim sendo, o final, para ela, não sinaliza derrota, mas aceitação e descanso. Dona Dóris cumprira seu ciclo.

Começando de novo

O conto “Aos sessenta e quatro”, por sua vez, se abre com uma questão que já se tornou, de certo modo, clichê. Diz respeito à valorização e a um crescente apelo pela manutenção da juventude, em detrimento da velhice e de suas marcas aparentes, que devem ser, à medida do possível, evitadas. Acerca disso, Eurídice Figueiredo (2020, p. 241) afirma: “A mudança de costumes desencadeada nos anos 1960 reforçou o *ethos* da juventude, cujo padrão de beleza inferniza todas as mulheres que se submetem a ele através de cirurgias plásticas e demais procedimentos estéticos”.

Essa recusa ao envelhecer é evidenciada, no texto de Cíntia Moscovich (2012, p. 81), pela frase proferida em um programa de TV, que chama a atenção da protagonista: “Neide nunca tinha pensado naquilo, até que mexendo um cremezinho de laranja na cozinha, a tevê do balcão ligada, a nutricionista do programa das dez da manhã falou: — Ninguém é obrigado a parecer velho”. Se, por um lado, tal sentença reforça a visão negativa acerca dos efeitos visíveis da velhice, não mais tratados como algo natural, mas como desleixo⁵, por outro, levam a personagem a refletir sobre a própria condição:

Tirando aquela prisão de ventre que fazia até inchar a barriga, a bexiga que andava meio solta, a pressão que não baixava de jeito nenhum e a cansaera provocada por

⁵ Conforme Debert (2012, p. 227), “No contexto em que o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados”.

aquele horror de exames que o médico tinha pedido, Neide considerou que, aos sessenta e quatro anos, até que não parecia velha. (MOSCOVICH, 2012, p. 81)

À medida que avançam os comentários na TV, a protagonista vai se voltando para si e para a própria trajetória. Assim, lembra de como, aos 36 anos, idade que a dermatologista do programa matinal afirma ser o início da velhice, ela já era casada com João Carlos há mais de uma década, mãe de gêmeos e responsável pelas despesas da casa. Desde essa época não podia contar com o marido que, depois de ser despedido, “ia se tornar um deprimido de marca e um desempregado crônico” (MOSCOVICH, 2021, p. 82).

Enquanto suas lembranças vão irrompendo, outra frase do programa televisivo se destaca: “— Às vezes é preciso dizer não” (MOSCOVICH, 2021, p. 82). Tal possibilidade – “dizer não” – era algo incomum, impensável para Neide, que seguira o curso da vida, sem se dar ao luxo de fazer escolhas, atendendo tão somente às necessidades e responsabilidades que, uma a uma, foram recaindo sobre si.

O que mais parece causar-lhe impacto, todavia, ao ponto de ela sentir-se tonta, são as palavras de um geriatra que diz: “— As pessoas podem continuar sexualmente ativas até a morte. Literalmente, o amor não tem idade” (MOSCOVICH, 2021, p. 82). Nesse caso, é justificável que haja surpresa ou mesmo abraço por parte da personagem, haja vista que, como refere Elódia Xavier (2021, p. 108), “A sexualidade das mulheres idosas ainda é um assunto tabu”. Visivelmente desconcertada, Neide derruba a colher com que mexia um creme, sujando o piso. É nesse momento que se depara com João Carlos, o marido, vestido com um pijama velho e pantufas manchadas, barrigudo, visão que lhe provoca um indistigável desgosto. Não por acaso, ao refazer-se do mal-estar, ela pede “pelo amor de Deus que ele fizesse a barba, tomasse um banho e trocasse de roupa, ela ia fazer o almoço assim que acabasse o bolo de laranja do seu Alcindo” (MOSCOVICH, 2021, p. 83).

Embora a personagem continue com seus afazeres, terminando encomendas, providenciando e servindo o almoço, direcionando as tarefas das ajudantes e agendando entregas, a continuidade do texto demonstra que algo se modificara dentro dela. Tanto que, em uma completa quebra da rotina, ela se permite ter um intervalo para cuidar apenas de si mesma. De tal modo, munida de alguns envelopes que, até então, não dera importância, parte em direção ao consultório onde descobrirá, após o médico analisar seus exames, a doença fatal que impõe a necessidade de cirurgia e quimioterapia.

Sua reação, inicialmente, é considerar o diagnóstico médico um exagero. Preocupada com suas obrigações, quando sai do consultório, aparentemente, é para não voltar, ou antes, para retomar a sua rotina de bolos, doces, encomendas e entregas. Quando chega em casa,

entretanto, é visível o estranhamento das ajudantes com a quantidade de compras que ela carregava, sinalizando que algo estava em desacordo com o normal.

Da mesma forma, pode-se acompanhar, mais tarde, o olhar apurado da protagonista e o contraste que se estabelece no conto entre João Carlos, o marido, e Seu Alcindo, que chega para buscar o bolo de laranja encomendado. Nesse cliente, contrariando o senso comum, a velhice não é vislumbrada ou descrita de maneira negativa, simbolizando desgaste⁶. Ao contrário, apesar da idade e dos cabelos visivelmente grisalhos, a narração destaca-lhe a beleza e o capricho:

O homem entrou na cozinha, todo educado e, como de costume, um asseio só: dele vinha um cheiro forte e seco de loção após-barba. Neide observou que ele cortara os cabelos, abundante apesar da idade, e que o grisalho ficava cada dia mais parelho, um tom de prata que era bonito feito uma lua cheia. Ela fez um embrulho cuidadoso, igual a todas as muitas vezes em que seu Alcindo vinha buscar suas encomendas. (MOSCOVICH, 2012, p. 89)

Antes de ir embora, o homem tece elogios a Neide, contempla-a, demonstra interesse, diferentemente do marido, que segue pela casa arrastando os chinelos, desleixado e apático, aparecendo apenas na hora das refeições, sem sequer trocar uma palavra, concentrado somente no prato ou na televisão. Se para João Carlos nada mudava, nem mesmo o pijama, para Neide algo se rompera. Ao mesmo tempo, brotava na mulher um novo ímpeto, com força suficiente para que ela, como há muito não fazia, refletisse sobre si mesma, sentisse o próprio corpo, acolhesse as suas insatisfações e, depois de horas de choro, tomasse uma decisão que mudaria radicalmente a sua vida.

Determinada, ela liga para os filhos no dia seguinte e avisa-os que vai se separar do marido e que, além disso, eles deverão se responsabilizar pelos cuidados com o pai. Os rapazes, é claro, apelam para os seus deveres de esposa, tentam demovê-la de seus propósitos, mas Neide é inflexível, limitando-se a bater o telefone, firme em sua disposição, que não se alteraria nem mesmo quando confrontada pessoalmente:

Os dois filhos chegaram de Goiânia e tentaram de todas as maneiras fazer a mãe mudar de ideia, aquilo era uma doídice, separação aos sessenta e quatro anos de idade, será que a mãe estava ficando senil? Atarefada com seus quitutes, Neide se limitava a responder que nunca estivera tão lúcida, que amava os dois filhos acima de todas as coisas e que não estava disposta a cuidar de mais um filho, ainda por cima um sessentão, agora era a vez deles. (MOSCOVICH, 2012, p. 93)

⁶ Conforme esclarece Xavier (2021, p. 108), “O homem idoso normalmente escapa desse preconceito, pois a sociedade não exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas a força e a inteligência de um sujeito conquistador. Os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril”.

Em que pesem a falta de apoio dos filhos e a apreensão diante do diagnóstico médico, Neide resolvera, finalmente, que era tempo de cuidar de si. Decidida a se salvar, não apenas enfrentando a doença, mas também dando um basta ao aprisionamento doméstico e familiar em que vivia mergulhada, ela prossegue com seus planos.

Liberta do marido e dos deveres daquele casamento que, há tempos, naufragara, e, principalmente, disposta a encarar os seus temores, ela enfim aceita a indicação do especialista e submete-se à cirurgia necessária. Apesar de o término do conto se passar em um hospital, neste caso não será para sinalizar a morte, mas para demonstrar que o local é, também, um lugar de cura. Diante disso, após ser informada de que tudo correrá bem e de que o marido já havia sido avisado, Neide consegue, ao final, relaxar:

Um grande alívio lhe ocorreu, e ela pensou que morrer era tão fácil e agradeceu a Deus muito e muito, ainda mais porque, ao fechar uma porta, Ele lhe abriu uma janela. Pensou também que ninguém é obrigado a parecer velho e que pior que envelhecer era morrer. Pensou que a doença era da vida e que os gêmeos ficariam preocupados assim que Alcindo lhes avisasse da cirurgia e da mudança das coisas. Pensou, pensou, pensou. Entregou-se ao torpor com quase felicidade. (MOSCOVICH, 2012, p. 95).

Nesse momento, para surpresa (ou não) do leitor, o marido a que a narração se refere não é mais João Carlos, mas Alcindo. Entre tantas mudanças e enfrentamentos a que Neide se submeteu, coube-lhe, ainda, dizer não para a solidão que há anos a acompanhava. Diferentemente do conto “Um coração de mãe”, neste Cíntia Moscovich opta por um final mais otimista, demonstrando a velhice pode ser, também, uma etapa positiva.

À guisa de conclusão

Em ambos os contos examinados, deparamo-nos com mulheres de idade avançada, acometidas por doenças e pela falta de assistência dos familiares. Tanto em um quanto em outro caso, as protagonistas dedicaram anos de sua vida zelando pelo lar, pelo marido e pelos filhos, mas não desfrutam de qualquer apoio quando são elas a necessitarem de cuidados. Apesar das semelhanças, as personagens atuam de maneira distinta diante da velhice e da proximidade da morte e, assim, em razão das suas escolhas e posicionamentos, não logram o mesmo desfecho.

Dona Dóris, a personagem de “Um coração de mãe”, é construída de maneira bastante próxima dos estereótipos que, em geral, são utilizados nas representações de mulheres velhas: viúva, solitária e amargurada, com pouco ou nenhum contato com os filhos. Ao se deparar com a doença, em primeiro lugar minimiza a sua importância e espera que passe. Enquanto aguarda, inutilmente, que a indisposição desapareça, lança-se em reflexões acerca do

comportamento dos filhos, deixando explícito o seu rancor, ao mesmo tempo em que demonstra o sofrimento e o vazio de que foi acometida desde a morte do marido. O tempo dispendido entre espera, inconformismo e melancolia é determinante, no seu caso, para o agravamento da doença.

Quando, já bastante avançado o mal-estar, decide finalmente buscar socorro, é tarde demais. Sem nenhum dos filhos por perto e sem ao menos avistar um conhecido que pudesse lhe auxiliar, caminha sozinha em direção ao hospital. Muito debilitada, contudo, não consegue vencer o pequeno percurso até o prédio e, tragicamente, morre na rua. Sua resistência e empenho para continuar vivendo se destacam, nos trechos finais, mas porque advindos tardiamente, não são suficientes para a impedir de perecer.

No conto “Aos sessenta e quatro”, por sua vez, a doença também precipitará o desfecho. Nesse caso, porém, não causará o fim da personagem, mas sim de um modo de vida que já não lhe serve. A proximidade da morte servirá de impulso para Neide repensar a sua trajetória, olhar para dentro de si e, resoluta, livrar-se dos fardos que, até, então, carregara. Escapando das ideias preconcebidas acerca da velhice, esta não se apresenta no conto apenas como antessala do fim, mas como um tempo (ainda) de recomeço.

Através da personagem que, depois de muito relutar, decide-se pela vida e vai em busca de salvação, Cíntia Moscovich traz à luz outro(s) modelo(s) e perspectivas, que não coincidem com a acomodação ou a espera da morte. A guinada na história de Neide, em plena maturidade, põe em xeque os papéis tradicionalmente impostos às mulheres velhas, que levam em conta apenas gênero, idade ou geração, desconsiderando a sua jornada, interesses, desejos e possibilidades.

Alinhando-se a autoras que, na contemporaneidade, têm esboçado novos papéis e lugares para as personagens femininas, Moscovich deixa a sua contribuição para que continuemos refletindo e, especialmente, lançando novos olhares sobre a questão. No caso da velhice, como se pôde notar, não se trata de matéria assentada e, tampouco, homogênea. São diversas as velhices que fazem parte de nosso entorno. Existem, como se sabe, mulheres que, nessa fase, são profundamente marcadas pela decadência, pelas perdas e pela finitude. Mas há, também, aquelas ainda capazes de lutar e de lograr êxito na busca pela própria preservação, vencendo medos, impasses e preconceitos para manter ou ampliar o seu espaço e realizar-se como pessoa e como mulher.

**FACING THE END:
REPRESENTATIONS OF FEMALE OLD AGE IN “UM CORAÇÃO DE MÃE” AND “AOS
SESSENTA E QUATRO”, BY CÍNTIA MOSCOVICH**

ABSTRACT: The article examines the short stories “Um coração de mãe” and “Aos sessenta e quatro”, present in *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012), by Cíntia Moscovich, in order to demonstrate how the author, in a sensitive way, sometimes ironic, outlines and presents to the reader some defining moments experienced by elderly female characters. It seeks to verify, especially, how aging, finitude, family ties and duties influence their daily lives and choices. To support the analyses, the contributions of Simone de Beauvoir (1990), Guíta Grin Debert (2012), Ecléa Bosi (2009), Alda Britto da Motta (2011) and Regina Dalcastagnè (2005), among others, are used.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian literature; Female authorship; Old age; Women.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança dos velhos*. 15ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As velhas também. *Ex aequo*. Vila Franca de Xira, n° 23, p. 13-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>. Acesso em: 28 set. 2020.

DEBERT, Guíta Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*, seguido de *Envelhecer e morrer*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=793>. Acesso em: 29 out. 2021.

MOSCOVICH, Cíntia. *Essa coisa brilhante que é a chuva*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Recebido em: 30/10/2021.

Aprovado em: 02/12/2021.